

CARACTERIZAÇÃO DO MANEJO ALIMENTAR DE AVES ORNAMENTAIS E CANORAS EM CATIVEIRO

Maria Luísa Paiva Dornelas¹, Camila Martins Rocha^{1*}, José Augusto Brancato¹,
Kasé Santos Lacerda¹, Kélvia Xavier Costa Ramos Neto¹, Marcelo Espósito²

¹Graduanda (o) em Zootecnia, IF Sudeste MG - Campus Rio Pomba, ²Doscente substituto do Departamento em Zootecnia - IF Sudeste MG Campus Rio Pomba,

*camilamr91@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa teve o objetivo de caracterizar o manejo alimentar praticado pelos proprietários de pássaros cativos. Um questionário foi aplicado de forma virtual pelo aplicativo *Google* Formulários, tendo sido divulgado via redes sociais, no período de 6 a 10 de março de 2019. Um total de 73 voluntários preencheram o mesmo, autorizando o uso das informações para pesquisa. Entre os voluntários 64,4% relataram possuir idade de 18 a 30 anos e 49,3% recebem de um a quatro salários mínimos. Aves da ordem *Psittaciformes* são as mais criadas (61,9%). Quanto à forma de criação, 53,4% dos tutores registraram que criam em gaiolas. Em relação a dieta das aves, a ração balanceada foi relatada como principal alimento ofertado, em 54,8% dos relatos o principal petisco oferecido são as frutas. Dentre os entrevistados, a maioria ressalta não ter critério na escolha do alimento (38,4%) e que adquiriam informações através de atendentes de agropecuárias (30,1%). A troca do alimento é realizada uma vez ao dia em 57,5% dos casos, e o principal motivo para tal, era acúmulo de excretas. O armazenamento do alimento, em 69,9% dos entrevistados, é feito em recipiente fechado. Observou-se que 79,5% dos tutores possuem outros animais e que 9,6% relataram oferecer os alimentos de outros animais as aves. Conclui-se que com a pouca disponibilidade de material bibliográfico sobre o manejo alimentar de aves cativas, limita o conhecimento tanto dos tutores quanto dos profissionais que trabalham neste seguimento, o que acarreta práticas errôneas de alimentação.

Palavras-chaves: Alimentação, aves cativas, petisco, tutores.

INTRODUÇÃO

As aves estão presentes em todos os continentes desde os tempos remotos, e possuem importante papel como fonte de alimento, em questões religiosas, artes e pesquisas científicas (GONÇALVES, 2013). A exploração comercial das aves silvestres no Brasil ocorre desde o período colonial, em que, naturalistas e viajantes europeus disseminaram as espécies encontradas para toda o continente. Dessa forma, o costume de criar aves como animais de estimação apresenta-se como o resultado da união da cultura indígena com a cultura europeia (ALVARENGA, 2014).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2013, a população de aves canoras e ornamentais era de 37,9 milhões, classificando o Brasil como o segundo maior possuinte dessas duas populações no mundo, que são da ordem dos passeriformes, além de ser o quarto maior em população total de animais de estimação.

Para os humanos a busca pela companhia, de outra espécie animal, está relacionada a satisfação emocional. Estas parcerias se estabelecem por meio de relacionamentos imutáveis e longevos, com garantia de lealdade e autenticidade, fazendo com que, através do vínculo entre as espécies, o animal passe a ser considerado como membro da família (GONÇALVES, 2013).

As aves cativas, devem ser manejadas de forma que os proprietários possam mantê-las bem alimentadas e com saúde. Diante a necessidade da ave, o manejo nutricional tem se tornado um dos

maiores desafios na criação. A ausência de profissionais qualificados e a pouca informação técnica publicada atualmente, tem prejudicado de forma negativa a saúde e o bem estar dessas espécies.

Assim, mesmo com o aumento da criação de aves cativas, é possível observar a pouca disponibilidade de rações comerciais específicas para as diferentes espécies de aves criadas. Estes poucos alimentos completos disponíveis no mercado, muitas vezes, são formulados para atender as exigências nutricionais de uma categoria de ave em específico, tornando alimentos desbalanceados para outras espécies de aves (HIRANO, 2010).

É comum em criadouros a administração de sementes em quantidade excessiva. Com a utilização desse manejo alimentar, as aves são impossibilitadas de possuir uma dieta balanceada, se alimentando apenas das sementes que lhe são mais palatáveis, o que causa grande porcentagem de obesidade, problemas reprodutivos e à deficiência nutricional (CARCIOFI et al., 2001).

Além disso, há registros da utilização dos alimentos destinados a frangos de corte ou até mesmo alimentos para cães às aves cativas, o que pode provocar doenças de caráter nutricional as mesmas (HIRANO, 2010).

Diante do exposto, o objetivo da pesquisa foi averiguar o manejo nutricional aplicado pelos tutores que responderam ao questionário. Desse modo podemos conhecer melhor a realidade encontrada por aqueles que se dedicam a criação das aves cativas.

METODOLOGIA

O questionário foi aplicado de forma virtual pelo aplicativo *Google* Formulários e divulgado via redes sociais (*Whatsapp*, *Instagram* e *Facebook*), de forma aleatória, no período de 6 a 10 de março de 2019, aplicado em etapa única. A pesquisa de opinião contou com respostas de tutores de alguns municípios dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Um total de 76 questionários foram respondidos pelos voluntários da pesquisa. Quando questionados sobre o uso dos dados para a pesquisa, três tutores não autorizaram a divulgação dos dados fornecidos, justificando a utilização de apenas 73 formulários, o que corresponde a 96,1% do total.

A pesquisa teve como intuito avaliar a faixa etária, situação socioeconômica dos tutores, o manejo alimentar e os métodos de criação aplicado as aves cativas. As entrevistas foram realizadas de forma objetiva contendo questões de múltipla escolha, com caixas de seleção e abertas. Após a coleta dos dados obtidos, os mesmos foram tabulados em planilha do programa *Microsoft Excel* (2014), e quando necessário, esses dados foram demonstrados em figuras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os 73 tutores entrevistados, 9,6% estavam abaixo de 18 anos, 64,4% estavam entre 18 e 30 anos, 23,3% de 31 a 60 anos e 2,7% acima de 60 anos. De forma semelhante ao observado por Santos (2015), em que 38,8% dos entrevistados - sendo esse grupo a maioria - estavam na faixa etária de 18 a 30 anos. A transição demográfica no Brasil constituiu novos arranjos familiares causados pela diminuição no número de membros da família, aumento de casais sem filhos e arranjos monoparentais, além do aumento de pessoas morando sozinhas e buscam companhia de animais, o que justifica a faixa etária de maior prevalência (CARVALHO e PESSANHA, 2012).

No que se refere ao grau socioeconômico dos entrevistados, 24,7% relataram ter salário inferior a um salário mínimo, 17,8% recebem um salário mínimo, 49,3% possuem de um a quatro salários mínimos e 8,2% ganham acima de quatro salários mínimos.

Quanto às espécies, 61,9% dos indivíduos criavam aves da ordem *Psittaciformes*, os quais incluíam Calopsitas (*Nymphicus hollandicus*), Periquito-australiano (*Melopsittacus undulatus*), Maritaca (*Pionus*), Agapornis (*Agapornis roseicollis*) e Papagaio-comum (*Amazona*); 20% criavam Galliformes, como: Galinha- d'angola (*Numida meleagris*), Galinha-carijó (*Gallus domesticus*), Galinha-da-índia (*Gallus Gallus*), Codorna-chinesa (*Excalfactoria chinensis*), Peru (*Meleagris*), Pavão-indiano (*Pavo cristatus*), Faisão-coleira (*Phasianus colchicus torquatus*) e Sedosa-do-japão-branca (Galinha Ornamental Bantan); 15,2% criavam Passeriformes, sendo estes: Canário-belga (*Serinus canaria*), Canário-do-reino (*Serinus canaria*), Canário-da-terra (*Sicalis flaveola*), Trinca-ferro (*Saltator*

maximus) e Diamante-de-gould (*Erythrura gouldiae*); por fim, houveram 2,8% que criavam aves de ordem Anseriformes, onde os mesmos, eram formados por Gansos (*Anserini*) e Marrecos (*Anas platyrhynchos domesticus*).

Posteriormente a tabulação dos dados, pode-se verificar que a maioria de aves criadas era da ordem dos *Psittaciformes*, *Galliformes*, *Passeriformes* e *Anseriformes*, respectivamente, assim como pode-se observar na tabela de ordem das Aves (Figura 1). Os dados obtidos se tornaram diversificados e fartos, pois a quantidade de aves que os tutores criavam foi de 31,5% exclusivamente uma ave, 39,7% de duas a quatro aves e 28,8% acima de quatro aves, onde 52,1% destas eram criadas em gaiolas e 47,9% em viveiros.

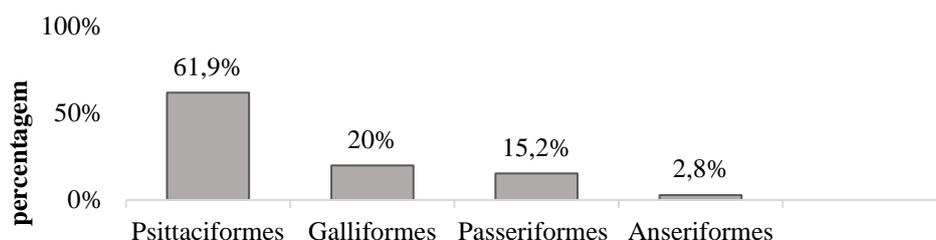


Figura 1: Relação de aves criadas pelos tutores, expressos em porcentagem.

Quanto ao principal alimento oferecido as aves (Figura 2), o mesmo foi escolhido através da caixa de seleção, ou seja, os tutores puderam escolher mais de uma opção na questão. Pode-se observar que 54,8% dos tutores relataram oferecer ração balanceada própria para a espécie, 15,1% ofereciam canjiquinha, 30,1% dos voluntários ofereciam semente de girassol, 30,1% disponibilizava alpiste, 1,4% fornecia amendoim, 17,8% dava painço e 2,7% dos tutores relataram não fornecer algum tipo de alimento principal. Diferente do publicado por Alves (2015), em que os entrevistados tinham como principal alimento fornecido os grãos em 36,6% dos casos.

Assim como a resposta para os alimentos principais, na avaliação de petiscos (Figura 2), pode-se escolher mais de um alimento. Os as opções de petiscos fornecidos para as aves eram: frutas, vegetais e ovo, onde as mesmas obtiveram as proporções de 52,1%, 37% e 15,1%, respectivamente. As opções “outros petiscos” e “não oferecem petiscos”, obtiveram 12,3% e 13,7% dos tutores, também respectivamente.

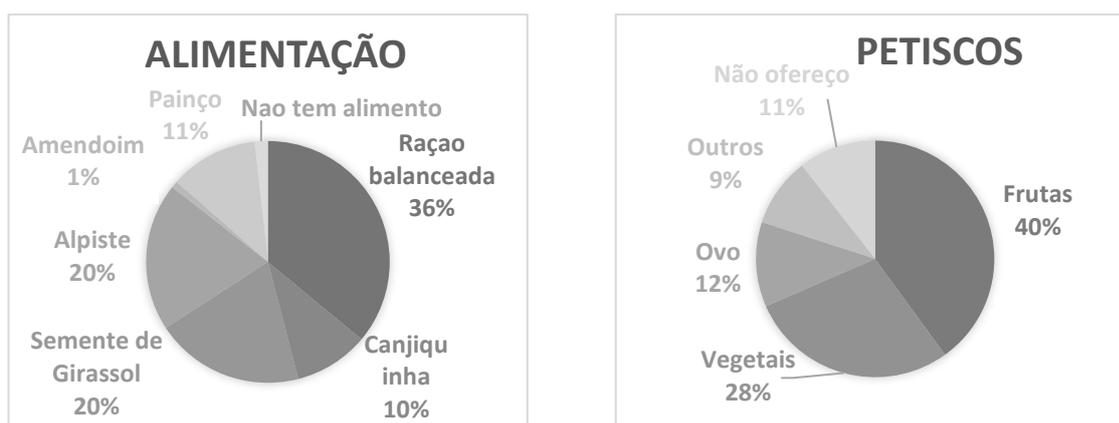


Figura 2: Relação de alimentos e petiscos principais oferecidos às aves. Valores expressos em porcentagem.

Os critérios para a escolha dos alimentos encontrados pelos voluntários no formulário foram: ração balanceada e indicada por profissional da área (32,9%); a mais barata (8,2%) ou a que algum amigo ou familiar indicou (23,3%). Houve relato de tutores que não possuíam critério na escolha, representando 38,4% dos dados. No Brasil são comercializadas diferentes tipos de ração balanceadas, sendo elas: fareladas, peletizadas e extrusadas. As rações balanceadas extrusadas são as que possuem maior disponibilidade no mercado, além de apresentarem maior segurança alimentar quanto ao

aparecimento de microrganismos como os fungos e bactérias, que são propícios de aparecer em sementes vendidas a granel, pela má conservação dos grãos nos estabelecimentos (KILL et al, 2008).

Foi ponderado também onde os tutores buscam informações para a compra dos alimentos, sendo assim, pôde-se observar que 30,1% dos voluntários obtinha informações através de atendentes de agropecuárias, *pet shops* ou casas de ração; 24,7% com veterinários ou zootecnistas; 21,9% na internet; 8,2% com outros proprietários e 15,1% não procuram se informar.

Quando questionado aos voluntários sobre a presença de outros animais em suas residências, e se os mesmos oferecem outro tipo de alimento para as aves que não o específico para espécie, observou-se que 79,5% das pessoas possuíam outros animais de companhia e que 9,6% destes tutores já ofereceram alimentos de outros animais para as aves.

Uma vez que essas aves estão em cativeiro, suas necessidades nutricionais mudam completamente, pois o gasto energético diminui drasticamente, não há o problema com a sazonalidade, períodos de escassez e fartura, além da redução na variedade de alimentos ingeridos, o que pode levar ao acúmulo de gorduras e o aparecimento de doenças (HIRANO, 2010).

Seguindo a pesquisa, os voluntários foram indagados quanto a quantidade de vezes que realizavam a troca do alimento do animal durante o dia, sendo destacados em: nenhuma, uma, de duas a três e mais de três vezes ao dia, com isso, obteve-se percentagem de 12,3%, 57,5%, 27,5% e 2,7%, respectivamente. Prevalecendo a troca uma vez por dia do alimento (57,5%). Na escolha dos principais motivos para a troca do mesmo, 42,5% dos tutores entrevistados relataram que trocam a ração quando a mesma se apresenta suja de excreta, 39,7% se o alimento estivesse há muito tempo exposto ao clima, 23,3% se estivesse molhado, 19,2% por outros motivos e 17,8% somente quando o alimento acaba.

Por saber que o alimento oferecido a ave deve estar sempre armazenado de forma segura, livre de umidade e patógenos, foi questionado aos tutores qual era a forma de armazenamento do alimento. Sendo assim, 69,9% dos voluntários responderam que armazenam em recipiente fechado, 34,2% longe de lugares úmidos ou com grande incidência de luz, 26% deixam na embalagem natural, 4,1% armazenam em recipiente aberto e 2,7% perto de lugares úmidos e com grande incidência de luz.

É preciso reforçar que as rações são alimentos perecíveis e que necessitam do correto armazenamento para preservar suas características nutricionais e sanitárias, sendo que, o alimento quando submetido à variações de temperatura, umidade e luminosidade podem sofrer deterioração e até mesmo prejudicar a saúde do animal (VOLPATO, 2014).

Devido a hipótese do amplo percentual de falhas na armazenagem do produto, do oferecimento de alimento, e pouca procura por informação técnica, a última questão levantada foi sobre os problemas de saúde que as aves já apresentaram. Os dados mostraram que 4,1% das aves já sofreram e/ou sofriam de infecções no trato respiratório; 2,7% das aves apresentaram problemas reprodutivos, 2,7% das aves tinham dificuldades em descansar (desconforto); 2,7% dificuldade de ingerir o alimento; 2,7% o sintoma de bico torto; 5,5% obesidade; 15,1% sofriam de perda de penas; 4,1% apresentavam penas quebradiças; 2,7% traziam cores das penas foscas; 4,1% das aves arrancavam as próprias penas; 2,7% tinham a pele descamada, e 63% dos tutores disseram que as aves nunca apresentaram nenhum problema de saúde.

Sendo assim, é de suma importância que se realize estudos na área, dando suporte teórico para que profissionais especializados possam orientar os criadores de aves cativas quanto ao melhor manejo alimentar possível, garantindo assim que as aves permaneçam em sua melhor forma física e psicológica.

CONCLUSÃO

Existem poucas referências bibliográficas sobre o manejo alimentar de aves ornamentais e canoras cativas disponível para acesso, limitando o conhecimento tanto dos tutores quanto dos profissionais que trabalham neste seguimento, o que acarreta práticas errôneas de alimentação das aves, podendo favorecer a presença de doenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, G. R. **Ocorrência e aspectos da criação em cativeiro do trinca-ferro (*saltator similis*, lafresnaye e d'orbigny, 1837) (passeriformes: thraupidae) na região de Viçosa – Minas Gerais.** Programa de Pós-graduação em Biologia Animal - Universidade Federal de Viçosa, 2014.

ALVES, M.M.; **Fauna silvestre usada como animais de estimação no semiárido brasileiro.** Universidade Estadual da Paraíba – Programa de Pós Graduação em Ecologia e Conservação. Campina Grande, 2015.

BORGES, G. L. M; SILVA, G. E. **A ameaça do tráfico de animais no brasil: o caso dos papagaios e das araras.** Formação de praças do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás – CAPM. Trabalho de Conclusão de Curso. Anápolis, 2019.

CARCIOFI, A. C.; SAAD, C. E. P. Nutrition and nutritional problems in wild animal In: Fowler ME. **Cubas ZS (Ed.)**.

CARVALHO, R. L. S; PESSANHA, L. D. R; Relação entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do rio de janeiro. **Sociais e humanas**, Santa Maria, v. 26, n. 03, p. 622 – 637, 2013.

GONCALVES, Paulo Eduardo Machado. **Caracterização de criadores amadores e determinação de indicadores associados ao bem-estar de pássaros canoros criados em gaiolas.** 2013.

HIRANO, L.Q.L; *et al.* Alimentação de psitacídeos filhotes e adultos em cativeiro Revisão de Literatura. **PUBVET**, Londrina, V. 4, N. 39, Ed. 144, Art. 969, 2010

Intituto Brasileiro Geografia E Estatística (2013) - disponível em: <<http://abinpet.org.br/mercado/>>, acesso em 03/03/2019 às 21:31hs

KILL, J. L, *et al.* **Avanços na nutrição de pássaros: quebrando paradigmas.** Natureza on line 6 (2): 53-54. 2008 [on line] <<http://www.naturezaonline.com.br>>.

VOLPATO, P. M. **Qualidade de rações para cães adultos armazenadas em recipientes abertos e fechados.** Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Ciências Agrárias. FLORIANÓPOLIS, 2014.